

## **D. António Barroso em Moçambique (1892-1897)**

### **Introdução**

1. Neste breve ensaio, destinado ao processo histórico para a canonização, proponho-me delinear um pouco, à luz do presente, a pessoa e obra de D. António Barroso nos anos em que foi prelado de Moçambique.

São bastantes as fontes escritas referentes a este grande bispo missionário embora se torne necessária uma boa biografia actualizada até porque as existentes parecem estar todas esgotadas.

Para este modesto trabalho servi-me apenas das fontes impressas por me parecerem suficientes uma vez que incluem bastante documentação e abundantes transcrições de correspondência e numerosas citações dos diários. Seria bom explorar um pouco mais os diários pessoais de D. António Barroso mas creio que isso terá de ser feito por quem traçar o seu retrato global na sua biografia.

### **Um Missionário experimentado**

2. D. António Barroso foi titular da prelazia de Moçambique desde 1891 até 1897. Foi nomeado prelado de Moçambique em 1 de Junho de 1891 e sagrado na Sé de Lisboa em 5 de Julho desse ano com o título de bispo de Himéria. Estava nessa altura em tratamento em Portugal depois de oito anos de missão no Congo no norte de Angola. Tomou posse da prelazia por procuração. Só pôde partir para Moçambique nos princípios do ano seguinte. Chegou à sua

prelazia em 20 de Março de 1892<sup>1</sup>. Deixou Moçambique em Setembro de 1895 para tratar da saúde na Europa. Governou a prelazia a partir de Portugal até Setembro de 1897. Nessa data foi nomeado bispo de Meliapor na Índia, diocese que fazia parte do Padroado de Portugal no Oriente<sup>2</sup>.

A missão de D. António Barroso como prelado missionário em Moçambique foi portanto muito curta. Residiu em Moçambique apenas três anos e meio.

3. Nesses três anos e meio D. António Barroso mostrou-se um bispo missionário de fé nos planos de Deus e na missão da Igreja, de fortaleza cristã na evangelização, de sabedoria no analisar, julgar e planejar, e de total doação pessoal às tarefas apostólicas. Quando chegou a Moçambique tinha 37 anos. A sua personalidade de missionário experimentado vinha bem amadurecida do Congo e de Angola onde missionara de 1880 até 1888. Quando foi nomeado prelado de Moçambique havia adquirido perfil e fama de missionário ímpar em todos os níveis de opinião. O governo português pensara no P. Barroso logo em 1887 para bispo de Angola e Congo, tinha ele 33 anos. Por seu lado, o bispo de Angola e Congo, D. António Leitão e Castro, que preferia continuar na diocese até à morte, havia proposto ao governo em 1889 que o P. Barroso fosse nomeado bispo de S. Tomé e do Congo, desmembrado de Angola<sup>3</sup>. Acabou finalmente por ser nomeado prelado de Moçambique e sagrado na Sé patriarcal de Lisboa em 5 de Julho de 1891 com o título de bispo de Himéria.

Todas as referências dos contemporâneos e historiadores à sua acção em Moçambique são elogiosas e positivas. Não se encontra nem um só reparo negativo nem da parte do clero nem da parte dos políticos numa época bastante conflituosa por razões de ordem partidária.

<sup>1</sup> Cf. PADROADO DE PORTUGAL EM ÁFRICA — *Relatório da Prelazia de Moçambique pelo Reverendo Bispo de Himéria*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895, p. 29. Daqui por diante citaremos esta obra do seguinte modo: BARROSO — *Relatório*.

<sup>2</sup> BARROSO, António, bispo — *Comunicado real*. In António BRÁSIO — *D. António Barroso, missionário, cientista, missiologista*. Lisboa: CEHU, 1961, 616.

<sup>3</sup> Cf. *OFÍCIO de D. António Leitão e Castro ao Ministro da Marinha em 20/2/1889*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 528-532.

### Moçambique em estado lastimoso

4. A situação política de Moçambique no último quartel do século XIX e quando D. António Barroso lá chegou em 1892 era caótica. Chegara a propor-se no parlamento português em Lisboa o abandono daquele território cheio de tumultos e com administração péssima e ruínosa para o governo de Lisboa. Tal situação é bem caracterizada pelo Comissário Régio António Enes na introdução do relatório sobre *Moçambique*, de 516 páginas, que apresentou ao governo de Lisboa em 1893. Escreve:

«Discutia-se na imprensa e havia sido proposta no parlamento a alienação da província de Moçambique. Desesperava-se do seu futuro, por sugestões do seu passado. Alegava-se que esse espólio do nosso ciclo heróico era improdutivo como um loureiro. Padrão, seria, mas andavam estrangeiros a apeá-lo e nacionais a conspurcá-lo. Não dispunha a indústria pátria de produtos que vendesse aos seus povos; faltava-nos gente para desbravar, capital para fecundar, iniciativas enérgicas para revolver o seu solo: de que nos valia que ele fosse populoso e ubérrimo? Quinta de recreio não a deixavam ser as ossadas de colonos e soldados que juncavam os seus sertões»<sup>4</sup>.

5. A situação religiosa era também muito má. Com a expulsão das ordens religiosas em 1834 acelerara-se a degradação da situação missionária que já estava em declínio naquele território. Tal situação é assim descrita pelo historiador P. António Lourenço Farinha:

«Durante trinta e cinco anos, de 1840 a 1875, partiram de Goa para Moçambique apenas 23 padres indianos, seculares, um capucho, também indiano, e um padre secular, da Metrópole. Como nos tempos anteriores, da Índia continuava a mandar-se o 'rebotalho ou escória do clero de Goa', segundo a expressão de D. João Trindade, prelado interino, que por isso mesmo, talvez, não foi tomar posse do seu cargo (1856). Os próprios superiores hierárquicos eram escolhidos, por vezes, com pouca consciência, como Isidoro Caetano do Rosário Noronha, canarim, que nem como homem tinha o mínimo valor. Por muitos anos, nos meados do século XIX, não houve um único padre no interior da colónia, entregue à doutrinação dos indígenas, e raras

<sup>4</sup> MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS — *Moçambique: Relatório apresentado ao Governo por António Enes*. Reimp. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1913, p. 5. Daqui por diante citaremos esta obra do seguinte modo: ENES — *Relatório*.

vezes passavam de quatro ou cinco os padres indianos das paróquias do litoral».

E remata:

«Para todos os povoados de Moçambique existiam em 1871 oito sacerdotes, só um deles da Metrópole, e em 1874 nove padres, todos da Índia»<sup>5</sup>.

### António Enes e D. António Barroso

6. António Enes, jornalista de influência nacional, escritor e político de renome, foi Ministro da Marinha e Ultramar em 1890 e 1891 após o famoso ultimato da Inglaterra. Concebeu um plano de recuperação política e reorganização administrativa de Moçambique dentro duma política nacional de competição com as grandes potências de então que haviam repartido a África na Conferência de Berlim em 1885. O Rei D. Carlos, pelo governo, nomeou-o Comissário Régio para Moçambique em Junho de 1891 para traçar e executar esses planos, missão em que se empenhou até fins de 1895. O relatório atrás citado dá conta dos seus trabalhos. Melhorar a situação religiosa fazia parte dos seus planos<sup>6</sup>.

7. A acção de D. António Barroso em Moçambique coincide no tempo com a de António Enes. Jornalista, director e fundador de vários jornais de Lisboa, escritor, político e governante, António Enes conhecia a acção missionária do P. António Barroso no Congo, em Angola, e a sua personalidade. Os discursos e comunicações do P. Barroso na Sociedade de Geografia de Lisboa haviam-no tornado uma figura ímpar de missionário português, sobretudo a comunicação *O Congo, seu Passado, Presente e Futuro*, apresentada em 1889 e publicada em 1891 nos *Annaes das Missões Portuguesas*, depois de ter sido publicada pelo *Boletim da Sociedade de Geografia* de 1888-1889<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> FARINHA, António Lourenço, sac. — *A expansão da fé na África e no Brasil: Subsídios para a história colonial*. Vol. 1. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942, p. 354-355.

<sup>6</sup> ENES — *Relatório*, p. 170 e ss.

<sup>7</sup> BARROSO, António de Sousa, sac. — *O Congo, seu passado, presente e futuro*. *Annaes das Missões Portuguesas*. 1891, 3, p. 73-102.

Como ficou dito atrás, o governo já pensara nele para Bispo de Angola e Congo e o então Bispo de Angola e Congo, D. António Leitão e Castro, indicara-o para a diocese de S. Tomé que teria anexa a diocese do Congo.

António Enes, então Ministro da Marinha e Ultramar, faz com que o P. Barroso seja nomeado prelado de Moçambique pretendendo sem dúvida que melhorasse a situação religiosa da Província. Diz o P. António Garcia, SJ, na sua *História de Moçambique Cristão*:

«António Enes, então Ministro do Ultramar, descobre o talento e virtudes de D. António Barroso e promove a sua nomeação para a prelazia de Moçambique, com o título de Bispo de Himéria»<sup>8</sup>.

Amadeu Cunha conta como António Enes empregou todo o seu prestígio e sabedoria política para convencer o P. Barroso<sup>9</sup>.

### Um Bispo formado no Congo

8. Como prelado missionário, na sua acção em Moçambique, de 1892 a 1895, D. António Barroso continuou com o saber missiológico, com a prática de evangelização e com a curiosidade científica que trazia da missão como sacerdote no Congo e em Angola. Percorre Moçambique de norte a sul e de leste a oeste como nenhum prelado fizera antes dele, planeia e executa a criação de paróquias e missões, organiza a cúria da prelazia, fomenta a instrução nas missões do interior, cria escolas para educação de meninas indígenas, organiza os sacerdotes e religiosas de que dispõe. Conquista a simpatia de todos, desde os seus missionários ao comissário régio. Escreve:

«Tenho sempre a maior alegria em recolher na minha casa todos os padres, quer venham doentes ou em serviço do interior ou dos portos quer da Índia ou de Lisboa»<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> GARCIA, António, S.J. — *História de Moçambique cristão*. Braga: Livraria Cruz, 1972, p. 375-376.

<sup>9</sup> CUNHA, Amadeu — *Jornadas e outros trabalhos do missionário Barroso*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1938, p. 73-74.

<sup>10</sup> BARROSO — *Relatório*, p. 32.

Em Maio de 1895 António Enes, Comissário Régio, convidado para passar uns dias de descanso em sua casa da Ponta Vermelha para repousar quando viesse da Ilha de Moçambique a Lourenço Marques, convite que ele não teve tempo para aceitar. Na visita que fez à Niassalândia britânica, em prolongamento da ida ao Zumbo, conquistou todas as autoridades inglesas.

### O Relatório

9. Em 1894, no fim de dois anos em Moçambique, D. António Barroso elaborou um relatório de 175 páginas para o Ministro do Ultramar, com data de 2 de Maio de 1894, que foi publicado em Lisboa pela Imprensa Nacional em 1895 com o título «*Padroado de Portugal em África — Relatório da Prelazia de Moçambique* pelo Reverendo Bispo de Himéria».

Nas primeiras 70 páginas dá-nos uma visão da prelazia de Moçambique no passado e no presente, relata as suas actividades nesses dois primeiros anos e apresenta os seus planos apostólicos para a Província. Nas restantes 100 páginas transcreve nove relatórios que mandou elaborar ao escrivão da câmara eclesiástica e aos responsáveis das missões e paróquias de Boroma, Zumbo-Kiciko, Tumbini-Milange, Inhambane, Quelimane, S. José de Lhanguene, Ibo e Ilha de Moçambique. É uma obra de muito valor em que D. António Barroso se revela um verdadeiro missionário, missiólogo e cientista. E, pelos nove relatórios, oito dos responsáveis das missões e paróquias e um do responsável da câmara eclesiástica, manifesta quanto preza os seus colaboradores. Aliás os nove relatórios de jesuítas e sacerdotes seculares são um precioso testemunho da acção missionária em Moçambique nessa época.

### Os primeiros tempos

10. Nesses dois primeiros anos em Moçambique D. António Barroso pôs em acção a experiência missionária que adquirira nas missões do Congo. É um verdadeiro Bispo missionário em contraposição com a maioria dos bispos que eram enviados de Portugal para África sem nenhuma prática missionária. Diz Fortunato de

Almeida: «Até à penúltima década do século XIX, Moçambique foi a mais abandonada de todas as dioceses ultramarinas»<sup>11</sup>.

É o próprio D. António Barroso que conta o início da sua estadia em Moçambique. Escreve no relatório:

«Cheguei à Ilha de Moçambique e tomei conta do governo desta prelazia em 20 de Março de 1892. Não obstante ter experiência das coisas religiosas africanas e o firme propósito de reduzir no meu espírito às proporções mais modestas, para evitar ilusões, a ideia que formava da Prelazia a meu cargo, confesso que tudo o que existia estava ainda aquém dos cálculos que formava, já suficientemente amesquinçados. Não desanimei apesar disso»<sup>12</sup>.

Neste vastíssimo território trabalhavam então 21 sacerdotes, sendo nove religiosos jesuítas e doze seculares dos quais três do Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim, um francês e cinco indianos. Na capital e sede da prelazia, na Ilha de Moçambique, havia um só presbítero que era ao mesmo tempo governador da prelazia, pároco da Sé, capelão da Misericórdia, do hospital e da escola de artes e ofícios com ensino, escrivão, e amanuense da câmara eclesiástica.

### Plano pastoral

11. Perante esta situação D. António Barroso foi traçando os seus planos de pastoral e começou a executá-los pela capital, organizando a câmara eclesiástica e melhorando os serviços da secretaria na prelazia e nas paróquias dando-lhes forma simples mas eficiente. Planeia a criação de missões em pontos estratégicos. Pede ao governo meios para ter casa para os padres e côngrua condigna para lhes dar<sup>13</sup>.

Tenta revitalizar as paróquias do litoral e dos lugares onde predominam os europeus e indianos católicos. A sua preocupação de evangelizador são contudo as populações nativas. Escreve:

<sup>11</sup> ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal*. 3º vol. Porto: Portucalense Editora, 1970, p. 239.

<sup>12</sup> BARROSO — *Relatório*, p. 29.

<sup>13</sup> Cf. *OFÍCIO de D. António Barroso ao Comissário Régio em 22/6/1897*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 607-615.

«Com respeito a paróquias entendo que devem conservar-se as existentes no litoral e ainda a de Tete no interior, onde domina o elemento europeu ou asiático cristão mas que não devem criar-se mais (...) e que os esforços e atenções se devem dirigir principalmente para a criação de boas missões que se destinem especialmente ao preto, ensinando-lhe a moral cristã e civilizando-o pelo trabalho honesto, o que a paróquia não pode empreender com o mesmo desenvolvimento que a missão»<sup>14</sup>.

Como homem de fé preocupa-se com os desígnios de Deus que quer salvar todos os homens e com a missão da Igreja de levar a salvação às populações locais. Pode dizer-se que, a nível episcopal, é D. António Barroso que restaura no Moçambique do século XIX o verdadeiro sentido da missionação como evangelização das populações locais. Foram seus colaboradores preciosos os jesuítas, que ali haviam chegado uma década antes, e os missionários do Colégio de Cernache do Bonjardim formados na mesma casa em que ele se formara. O terceiro grupo eram padres indianos de Goa. Preciosas foram também as Irmãs de S. José de Cluny que ele trata oficialmente por Irmãs da Missão. D. António Barroso soube colaborar com todos e organizar a sua acção evangelizadora de forma eficiente. Escreve em 1893 ao Ministro do Ultramar:

«Tenho bons missionários nos padres de Sernache, nos da Companhia de Jesus, e até nos provenientes da diocese de Goa. Se Vossa Ex.cia se dignar mandar mais pessoal eclesiástico e as Irmãs da Missão, para a educação das raparigas europeias ou indígenas, e as Hospitaleiras para o serviço dos enfermos, parece-me poder afirmar a Vossa Ex.cia que esta Prelazia ressurgirá em pouco tempo do seu túmulo e que redimiremos em poucos anos o desleixo acumulado durante séculos»<sup>15</sup>.

### Actividade em todos os sectores

**12.** A sua actividade pastoral estende-se a todos os sectores da evangelização. Promove a instrução da juventude. Cria as primeiras escolas para meninas. Em Julho de 1893 inaugura o Instituto de En-

<sup>14</sup> BARROSO — *Relatório*, p. 35.

<sup>15</sup> OFÍCIO de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar em 1.5.1893. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 551.

sino Rainha D. Amélia em Lourenço Marques para as meninas da cidade onde, diz ele, «as Irmãs de S. José de Cluny ministram uma instrução sólida e variada a todas as crianças daquela cidade que dela se quizerem aproveitar». Segue-se-lhe em 1895 o Instituto Leão XIII na Cabaceira Grande, perto da Ilha Capital, para a instrução de meninas da população nativa. Escreve em ofício dirigido ao Ministro do Ultramar em 21 de Janeiro de 1896 já em Lisboa:

«No dia 18 de Agosto do ano pretérito tive a satisfação de inaugurar na Cabaceira Grande, no continente fronteiro à Ilha de Moçambique, o Instituto Leão XIII destinado à educação de crianças do sexo feminino (...). Na vasta extensão da Província de Moçambique não existia uma única casa de educação feminina, quer para os que podem pagar a instrução quer para os que não dispõem de recursos»<sup>16</sup>.

Com profundo sentido de Igreja, a sua preocupação é a população local. Luta para que seja dada a instrução aos africanos contra a opinião corrente e contra a prática política da Província. Escreve no relatório:

«É muito fácil afirmar que o preto é rebelde à instrução e ao trabalho, é um estribilho banal que à força de repetido parece um axioma, e é uma falsidade, mas é um pouco mais difícil criar-lhe escolas que justifiquem merecer tal nome, e instituições de ensino adequado ao seu desenvolvimento e modo de ser actual. Enquanto a experiência se não fizer, eu pela minha parte continuarei a acreditar que o preto é muito susceptível de aprender e trabalhar, contanto que lhe facultem meios eficazes e que se não queira exigir dele o que se exige duma raça adiantada e culta. Ora, esses meios é que não existem. Mas ainda quando fosse verdade que o preto é rebelde ao trabalho, não compreendo que possa haver escrúpulos em o obrigar a trabalhar, desde que esse trabalho seja retribuído; pois terá ele mais direitos e garantias que nós os dominadores?»<sup>17</sup>.

### Formação do Clero

**13.** Preocupa-o a formação dos missionários e propõe-se arranjar uma casa onde os sacerdotes, que vêm para a Província de

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 60; OFÍCIO de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar em 21/1/1896. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 593.

<sup>17</sup> BARROSO — *Relatório*, p. 59.

Moçambique, possam completar a sua formação pastoral missionária. Quer que todos aprendam a língua local. Escreve:

«Além de um seminário na Metrópole é indispensável, se não queremos sofrer cruas desilusões todos os dias e marcar passo eternamente, ter na Província uma grande casa onde concluem a sua educação os missionários, venham eles de onde vierem»<sup>18</sup>.

O problema da formação dos sacerdotes para Moçambique preocupou bastante D. António Barroso. Tinha havido várias propostas e uns vinte anos antes criara-se um seminário local mas fora encerrado. Antes experimentara-se enviar jovens locais para o Seminário de Santarém em Portugal e para o de Goa na Índia e também não dera resultado.

Perante estes fracassos e atendendo ao «estado lastimoso» da população e da Igreja, D. António Barroso não vê possibilidade, «por enquanto», dum Seminário para jovens locais em Moçambique. Propõe, como alternativa, a fundação de um Seminário em Portugal para formar sacerdotes para a prelazia de Moçambique sob a sua responsabilidade. E pensa que desse Seminário poderia nascer uma congregação missionária à semelhança da «Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris» ou dos «Padres Brancos», do Cardeal Lavignerie. Inspira-se nesses dois modelos de Sociedades Missionárias que começaram como Seminários para formar sacerdotes para as Missões. Já no regresso do Congo em 1889 havia proposto a transformação do Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache do Bonjardim, onde se formara, numa instituição desse género.

Esta atitude de D. António Barroso não pode ser considerada, de forma nenhuma, como uma recusa de formar clero africano ou como menosprezo para com a raça preta. O seu plano, bem claro no Relatório, era começar por intensificar a evangelização, por promover o ensino, por desenvolver a população. O clero local viria naturalmente depois. Para o Congo defendera que era urgente formar clero local. Em Moçambique seria necessário esperar mais algum tempo<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>19</sup> Cf. *ibidem*, p. 51 e ss., sobre Moçambique. Sobre Angola cf. *O CONGO, seu passado, seu presente e seu futuro*. In BRÁSIO — D. António Barroso, p. 89-153 (as últimas três páginas são sobre a formação do clero local).

14. Nas últimas páginas do Relatório D. António Barroso, falando como português de entranhado amor à sua pátria e como missionário devorado pelo ideal de evangelizar, foca e descreve a descristianização dos europeus em serviço naquela Província, a presença de missionários protestantes e o proselitismo dos maometanos, que ainda mantinham a escravatura, e, como se dirige ao Ministro do Ultramar e ao Governo da Coroa, aponta as possibilidades de desenvolvimento das terras do interior de Moçambique que tem vindo a descobrir nas suas viagens apostólicas.

As suas análises da terra, dos recursos naturais e das populações creditam-no verdadeiramente como missionário, missionólogo e cientista. Escrevendo o relatório para o Ministro do Ultramar, termina como bom português mas, primeiramente, como apóstolo e evangelizador. Escreve no final:

«Nenhum outro sentimento me guiou a pena, que não fosse o amor e entranhado afecto que nutro pela Igreja Católica, de que sou filho submisso, e pelo bom nome da nação portuguesa, a que muito me honro de pertencer»<sup>20</sup>.

### Viagens pelo interior

15. D. António Barroso foi em Moçambique um bispo missionário andante com sucessivas viagens apostólicas do norte ao sul e de leste a oeste da Província para conhecer o território e sobretudo as populações e suas necessidades materiais e espirituais. Nessas viagens sofreu contínuas doenças, sobretudo o paludismo, e passou fome. Sofreu com a morte de companheiros de viagem como a do juiz de Quelimane que viajava com ele e a dos jesuítas P. Loubière e P. Perrodin, que faleceram doentes quando se dirigiam, pela primeira vez, para a Missão de Milange quando ele por lá andava na sua terceira viagem. Por vezes nem dinheiro tinha para tratamentos. Em 2 de Outubro de 1892 nas terras de Manica o quinino não vencia a febre do paludismo. Quis chamar um médico inglês da vizinha Rodésia a 25 milhas. Mas custaria 25 libras e desistiu contentando-se com o quinino vulgar. Uma semana depois, em 9, a caminho da

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 69.

Gorongosa, perdeu a ametista do anel episcopal dado pela Sociedade de Geografia de Lisboa. E nesse mesmo dia escreve no diário: «Passei fome»<sup>21</sup>. Dormiu muitas vezes ao relento. Duma vez cedeu a machila ou liteira a um dos carregadores que julgou mais doente que ele. Acompanhavam-no um ou dois sacerdotes, um funcionário público e umas dezenas de carregadores e guias como era hábito nessa época. Conseguir comida para tanta gente era um dos problemas diários.

**16.** A primeira das suas viagens apostólicas iniciou-a logo um mês depois da chegada a Moçambique. Tomou um barco para Quelimane, visitou o pároco, e seguiu para Inhambane, onde também visitou o pároco. Continuou para Lourenço Marques onde não havia nenhuma missão católica. Visitou e estudou diversos locais na área de Lourenço Marques e criou a missão de Lhanguene a poucos quilómetros da cidade. Demorou dois meses e meio nesta visita.

**17.** Regressando à sua capital, a cidade da Ilha de Moçambique, preparou-se logo para a segunda viagem, desta vez pelo interior da Província. Veio de barco até Inhambane onde visitou o pároco. Subiu novamente de barco até à Beira. Daí partiu para o interior da Província. De meados de Agosto até fins de Outubro, durante dois meses e meio, viajou por terras de Sofala, Manica e Gorongosa, fazendo mais de mil quilómetros quase sempre por serras e vales de rios. Começou por subir o rio Púnguè numa velha lancha durante dois dias. Embrenhou-se depois nos caminhos da floresta com uns setenta carregadores por Mucaca, Angiva e Mundingo até Chimoio, depois Manica e, finalmente Macequece, quase na fronteira com a Rodésia. Quis subir dali para Tete pelo Bárue mas não conseguiu. O regresso foi através da Gorongosa. Voltou a Chimoio, Mucaca, subiu a Gouveia e rumou a nordeste, Gorongosa fora, até Sena. Aí tomou um barco mandado pelo governador e desceu o rio Zambeze. Subiu novamente até Quelimane. Ficaram para trás mais de mil quilómetros, muitas vezes cheio de febres, outras vezes com carência de alimentos. Por vezes levava 60 pretos

<sup>21</sup>Cf. CUNHA — *Jornadas*, p. 112. Sobre a morte dos dois Jesuítas, cf. *OFÍCIO de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar em 20/12/1893*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 569-570.

com ele. A viagem era de visita pastoral e estudo. Escreve Amadeu Cunha:

«No dia seguinte (2 de Outubro de 1892) deambulou o prelado à procura de local favorável à sede da missão que pretendia montar em Manica e pareceu encontrá-lo, de ares lavados, com abundância de água e solo fértil»<sup>22</sup>.

Atravessou rios, andou cheio de febres, passou fome e sede, pernoitou nas florestas e parou em muitas povoações e postos de administração.

No regresso, em Quelimane, encontrou António Enes. Aí, em Quelimane, esperou três semanas pelo barco para a Ilha de Moçambique. Tinha 38 anos. Escreve no diário, em 6 de Novembro: «Fiz ontem os meus trinta e oito anos sem que ninguém soubesse».

**18.** A terceira viagem fê-la no ano seguinte, 1893, de Setembro a Dezembro, por terras de Sofala. Veio novamente da Ilha para o continente. Visitou Quelimane. Desceu a costa até ao Chinde, e subiu o Zambeze de barco e a pé até ao rio Chire. Daí subiu novamente de barco pelo Chire e a pé até Milange na fronteira com a Niassalândia, a uns 300 quilómetros de Quelimane, onde deveria encontrar os jesuítas Padres Loubière e Parrodin. Entretanto, os dois jesuítas haviam morrido no caminho, antes de lá chegarem, pelo que ele fez dois dias de caminhada para ir até ao lugar onde tinham falecido. Queria seguir até ao Niassa e caminhou mais alguns dias mas teve de regressar sem lá chegar por dificuldades postas pelos régulos locais. Fez novamente as centenas de quilómetros de regresso pelo interior da Zambézia até Quelimane e daí tomou outra vez o barco para a sua Ilha de Moçambique.

#### Até aos confins da Província

**19.** A quarta viagem apostólica foi a mais longa e durou cinco meses de Junho a Novembro de 1894. Veio mais uma vez de barco da Ilha de Moçambique para o continente, para Quelimane e para o Chinde, onde esperou durante duas semanas por embarcações para voltar a subir o Zambeze. Levou com ele o pároco de

<sup>22</sup>CUNHA — *Jornadas*, p. 109-110.

Quelimane, o cónego Gustavo Couto. Passou por Sena, Massangano e chegou a Tete fazendo quase toda a subida do Zambeze de lancha. Em Tete visitou a paróquia. As malas não chegaram e ele prosseguiu viagem para a missão de Boroma, dos jesuítas, onde se demorou alguns dias e onde, em 31 de Julho, festa de S.<sup>o</sup> Inácio, celebrou pontifical solene e admirou as escolas dos rapazes e das meninas.

Em 7 de Agosto prosseguiu a viagem, a pé e de machila, por Chicoa, e em fins de Agosto chegou ao Zumbo e depois a Miruro. O Zumbo é o ponto mais oriental da Província, porta do rio Zambeze que por aí entra em Moçambique, vindo da Rodésia, onde no passado tinha havido uma florescente missão dos dominicanos e onde os jesuítas estavam a recomeçar uma nova. Crismou uma centena de pessoas.

Em meados de Setembro regressou a Tete e administrou o Crisma a uma meia centena de fiéis na paróquia. Após alguns dias de descanso, em 17 de Setembro, continuou a viagem para o norte em direcção à Niassalândia britânica. Em 25 estava em Blyntire e em 29 em Zomba, sempre bem acolhido pelas autoridades inglesas. Queria chegar ao Niassa português pelo lado britânico, mas também desta vez não conseguiu, novamente por oposição dos régulos. Regressou ao Chinde, por Milange e Chilomo, em viagem cheia de peripécias e rumou novamente para a sua Ilha de Moçambique, onde chegou a 3 de Novembro. Tinha feito mais de dois milhares de quilómetros em quase cinco meses com longos dias de barco e de caminhadas pela selva.

### Última viagem apostólica

20. Poucos dias passados, em 14 de Novembro, partiu para a Índia, para tomar parte no Concílio Provincial de Goa, a convite do arcebispo, D. António Sebastião Valente. Aproveitou a passagem por Dar-es-Salám, Zanzibar e Mombaça para, além de recordar a história dos navegadores portugueses, contactar com os missionários beneditinos e espiritanos. Esteve no Concílio em Goa, foi a Calecut, Meliapor, Cochim, Madrasta e Bombaim. Voltou a Moçambique em Fevereiro de 1895.

21. Não passara muito tempo, voltou ao continente para a quinta viagem apostólica. Desta vez visitou e estudou o território da Província em frente da sua Ilha de Moçambique, região onde dominavam os muçulmanos, tal como na própria Ilha. Meteu-se pelo sertão até ao monte da Mesa e tomou conhecimento do comércio de escravos que os árabes continuavam a fazer dali para Zanzibar. Procurou lugar para futuras missões. Desta visita voltou cheio de paludismo a inspirar cuidado. Aconselharam-no a ir à Europa para se tratar e ele aceitou pois precisava de forças para levar por diante os seus projectos<sup>23</sup>.

Partiu para Portugal e chegou a Lisboa em 23 de Setembro de 1895. O tratamento prolongou-se por dois anos. Durante esses dois anos continuou a dinamizar e governar a prelazia a partir de Portugal. É abundante a sua correspondência com Moçambique e com o Ministério do Ultramar durante esse período. Quando pensava regressar à sua prelazia foi nomeado bispo de Meliapor na Índia em 11 de Agosto de 1897<sup>24</sup>. Não voltaria a Moçambique.

### Um Bispo de fé e fortaleza

22. Nos três anos e meio de prelado em que residiu em Moçambique D. António Barroso adquiriu conhecimento pessoal e realista da terra e das gentes da sua prelazia e esquematizou um mundo de projectos apostólicos que deixou no seu relatório e em numerosa correspondência para o Ministério do Ultramar ao qual competia a execução dos direitos e deveres do Padroeiro que era o Rei de Portugal.

Os projectos que conseguiu executar fazem dele um bispo missionário de fé em Deus e na Igreja e de fortaleza cristã que vence todos os obstáculos. Foi verdadeiramente um bispo inovador. Grande parte dos seus projectos tiveram que ficar para serem executados pelos seus sucessores, de modo especial por D. Francisco Ferreira da Silva que pôde permanecer na prelazia de 1904 até 1914, ao contrário dos dois primeiros sucessores que ficaram apenas dois anos.

<sup>23</sup> Sobre estas cinco viagens apostólicas, consultar *ibidem*, p. 89-167 e ofícios de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar, in BRÁSIO — *D. António Barroso*, sobretudo os n.ºs 138, 152, 158 e 169.

<sup>24</sup> Cf. GARCIA — *História*, p. 375-381.

Foi grande, contudo, a obra que D. António Barroso conseguiu realizar nestes três anos e meio e que continuou ainda nos dois anos em que esteve doente em Portugal por meio do governador que deixara em seu lugar na prelazia, primeiro, o P. Afonso Pereira, como ele missionário formado no Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim e um dos seus melhores colaboradores, e depois o cónego Gustavo Couto.

23. Durante estes poucos anos de prelado missionário de Moçambique, D. António Barroso organizou o arquivo e a câmara eclesiástica da prelazia dando-lhes forma simples mas completa, organizou os arquivos das paróquias e missões, defendeu e dignificou os missionários, conseguiu logo no início a vinda de sete sacerdotes e ordenou mais quatro «a título da missão» por especial graça de Leão XIII, pontífice reinante, restaurou antigas paróquias começando pela de S. Sebastião na capital, restaurou a igreja da Cabaceira em frente da Ilha de Moçambique, colocou um sacerdote na nova paróquia de Angoche e outro no arquipélago de Bazaruto, transferiu a paróquia de Sofala para a Beira, enviou um missionário para Vila Fontes no interior do Zambeze, de modo a ter três padres a distâncias que lhes permitissem visitarem-se e ajudarem-se mutuamente, melhorou a igreja de Lourenço Marques e criou a missão de Chinde, no sudeste da Zambézia, e a missão de S. José de Lhanguene nos arredores de Lourenço Marques, transferiu a missão do Bembe para Monque em frente de Inhambane, reconstruiu a igreja da Ilha de Querimba, conseguiu e adaptou para catedral a igreja da Misericórdia da capital, criou o Instituto D. Amélia em Lourenço Marques para educação de meninas e o Instituto Leão XIII na Cabaceira Grande também com a mesma finalidade e propôs a criação de outros semelhantes em Quelimane e Inhambane <sup>25</sup>.

Percorreu grande parte do território de todo o Moçambique em cinco longas viagens apostólicas com caminhadas pelos sertões, cheio de privações, com fome e sede, com nuvens de mosquitos infectados, com repetidos ataques de paludismo e febres, com roubos e fuga dos carregadores, com autoridades e colonos des-cristianizados e devassos, com contacto familiar com as populações

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*.

nativas cujas línguas desconhecia <sup>26</sup>. Nunca nenhum bispo chegara ao Zumbo e ao Miruro nem andara pelas proximidades do lago Niassa nem demorara quatro meses seguidos no meio das gentes do interior da Província de Moçambique. Foi um bispo verdadeiramente missionário.

25. Durante os dois anos de doença em Portugal contribuiu ainda para a entrada de novos missionários na prelazia, para o melhoramento do orçamento da Província em favor das obras da Igreja <sup>27</sup> e, superando a visão estreita do portuguesismo do Padroado de figuras dessa época, enviou um dos seus novos missionários de Cernache do Bonjardim para a Universidade Urbaniana da «Propaganda Fide» em Roma para ter em Moçambique um doutor em Ciências Eclesiásticas formado em Roma e não ficar atrás de outros grupos de missionários <sup>28</sup>. Para não deixar problemas escusados ao seu sucessor, de Lisboa pediu a transferência para a Guiné de dois sacerdotes que causavam incómodos em Moçambique.

26. Por duas vezes planeou ir a Roma falar com o Papa Leão XIII e para isso obteve licença e subsídio do Ministro do Ultramar mas os afazeres da prelazia não lhe deixaram tempo. Só foi encontrar-se com o Papa depois de deixar Moçambique, quando já ia a caminho de Meliapor <sup>29</sup>.

Sucedeu-lhe como prelado de Moçambique o seu colega de curso do Colégio de Cernache do Bonjardim e do Congo, D. Sebastião José Pereira, que permaneceu na prelazia apenas pouco mais de dois anos, de 1898 a 1901, pois foi transferido muito rapidamente também para a Índia para a diocese de Damão. O seguinte, D. António José Gomes Cardoso, foi nomeado em 1900 mas nem chegou a tomar posse por ser entretanto transferido para bispo de Angola e Congo. Sucedeu-lhe D. António Moutinho que governou a prelazia por pouco mais de dois anos e foi transferido para bispo de São

<sup>26</sup> Cf. CUNHA — *Jornadas*, p. 89-167.

<sup>27</sup> Cf. *OFÍCIO de D. António Barroso ao Comissário Régio em 16/1/1897*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 607-616.

<sup>28</sup> *OFÍCIO de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar em 4/12/1896*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 603. Cf. também *OFÍCIO de 14/4/1894*, in *ibidem*, p. 578.

<sup>29</sup> *OFÍCIO de D. António Barroso ao Ministro do Ultramar em 19/8/1897*. In BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. 617.

Tomé. Foi então nomeado prelado, em 1904, D. Francisco Ferreira da Silva, bacharel pela Universidade de Coimbra, que ficou à frente da Prelazia de Moçambique até 1914. Na sua actividade de prelado missionário seguiu os projectos de D. António Barroso numa acção missionária notável.

### Juízo do Comissário Régio

27. D. António Barroso como prelado de Moçambique é louvado como homem de profunda fé em Deus e na Igreja por todos que o conheceram ou escreveram sobre ele. E é apresentado também como homem que tinha os dons da Sabedoria e Fortaleza que se traduziam em clarividência e constância na sua acção de missionário. Todos os juízos que sobre ele nos ficaram são positivos e elogiosos. Nada se encontra de negativo.

28. O primeiro grande juízo de valor sobre a sua acção em Moçambique foi feito pelo Comissário Régio António Enes. Vem, portanto, dum homem insuspeito que conhecia as estruturas da Igreja e sobre elas escrevera por vezes de forma muito crítica, e que tinha boa formação jornalística, religiosa e política. António Enes escreveu em 7 de Setembro de 1893 o seu *Relatório* sobre Moçambique aonde tinha sido enviado como Comissário Régio pelo governo e pelo Rei D. Carlos. É um Relatório de centenas de páginas e em que trata de todos os assuntos da Província incluindo a situação religiosa<sup>30</sup>.

Nessa altura D. António Barroso tinha então apenas um ano de Moçambique. O Comissário Régio compara a situação antes e depois de D. António Barroso. Escreve:

«A primeira vez que visitei a Província ainda então não presidia à sua administração eclesiástica o benemérito bispo de Himéria. Senti-me escandalizado no meu respeito pelas crenças e pelos sentimentos, pelas instituições e pela história que a Cruz simboliza, apesar de ser um ímpio no conceito dos beatos»<sup>31</sup>.

E continua a descrever a degradação em três densas páginas. Contrapõe depois:

<sup>30</sup> ENES — *Relatório*, p. 170-192 e p. 333-349.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 170. Cf. páginas seguintes.

«Estas impressões da primeira viagem modificaram-se no ano seguinte — já novo prelado havia empunhado o seu báculo — porque se lhe associou a impressão nova de que os serviços religiosos estavam recebendo impulsos e correcções de um zelo incansável e experimentado. Melhorara a disciplina, tendo o corpo eclesiástico cortado e lançado de si, como manda o evangelista, os membros por quem vinha o escândalo. Crescera o pessoal do sacerdócio; já tinham pároco todas as igrejas, fundavam-se novas paróquias, criavam-se missões nos focos de propaganda muçulmana, dignificava-se o culto, o prelado embrenhava-se nos sertões para reconhecer as necessidades da diocese, o seu carácter sisudo sem biocos, as suas virtudes austeras sem intolerância, inspiravam respeito e simpatias que redundavam em autoridade moral para o clero»<sup>32</sup>.

Continua depois a dedicar bastantes páginas ao problema religioso da Província.

É o retrato de D. António Barroso por um jornalista e político perspicaz. Nele D. António Barroso brilha como um apóstolo de corpo inteiro. E é de notar que António Enes é bastante crítico para com os missionários portugueses inclusive para com os de Cernache do Bonjardim donde saíra D. António Barroso. Chegou a redigir os estatutos para uma congregação missionária portuguesa com o nome de «Congregação das Missões Portuguesas da África Oriental» que inclui no capítulo XXI do Relatório<sup>33</sup>.

### Juízo dum sucessor

29. Um outro juízo de valor dos contemporâneos vem de D. Francisco Ferreira da Silva, um dos seus sucessores imediatos que ocupou a prelazia de Moçambique de 1904 a 1914. Publicou em 1911 um extenso Relatório de 450 páginas<sup>34</sup>. Falando da acção dos missionários do Colégio das Missões de Cernache do Bonjardim em Moçambique, advoga a transformação desse Colégio em Congregação Missionária ou em Seminário sob a responsabilidade total da Igreja para melhor formação dos seus missionários. Para não

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 173. Cf. também páginas seguintes.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 333-349.

<sup>34</sup> SILVA, Francisco Ferreira da, bispo — *Relatório: A obra missionária na Província de Moçambique*. Porto: Oficina de S. José, 1911.

ser mal interpretado vê-se forçado a dizer que não tem nada contra os missionários de Cernache do Bonjardim. E, aludindo a D. António Barroso, que era um dos missionários de Cernache do Bonjardim, escreve:

«Já houve nesta prelazia um prelado, que, por sinal, deixou aqui um traço de luz que tarde se apagará, que pediu a criação de um Seminário para esta Província, fundado e dirigido no reino, debaixo da sua inteira responsabilidade, sem com isto querer depreciar os missionários de Cernache do Bonjardim, o que de nenhum modo procuro fazer»<sup>35</sup>.

### Juízo de historiadores e biógrafos

30. Alguns anos mais tarde, o P. António Lourenço Farinha, também ele missionário em Moçambique e historiador de mérito, escreve:

«A grande experiência e invulgar prestígio de D. António Barroso, prelado de Moçambique, fizeram surgir verdadeiras missões, de moldes modernos, se bem que pobres»<sup>36</sup>.

E falando da história das missões em Moçambique escreve:

«O ressurgimento das Missões na Província começou verdadeiramente com D. António Barroso, o maior de todos os missionários modernos. Espírito lúcido, homem prático, habilitado com conhecimentos técnicos adquiridos na missão do Congo, activo, virtuoso, de consciência recta, de grande alma e de grande coração, este prelado tinha todos os predicados dum apóstolo e por isso o seu nome ficou bem marcado e há-de sempre brilhar no futuro como astro luminoso que não poderá ser apagado por outro. Ele focou a questão missionária como ninguém até ali o tinha feito e a sua orientação, manifestada nos brilhantes relatórios, que não pôs totalmente em prática por motivo da crise financeira da colónia e da sua transferência para a Índia, deu excelentes resultados, depois de poucos anos, como era de esperar»<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> SILVA — *Relatório*, p. 46.

<sup>36</sup> FARINHA, António Lourenço, sac. — *A Expansão da Fé na África e no Brasil*. Vol. 1. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942, p. 357.

<sup>37</sup> IDEM — *A Acção Missionária em Moçambique*. In *PORTUGAL Missionário*. Cucujães: Colégio das Missões, 1929, p. 90.

O Cónego Alcântara Guerreiro, também missionário e historiador de Moçambique, afirma:

«Quem quiser avaliar o trabalho do grande bispo, em extensão, pouco encontrará: a nomeação de alguns sacerdotes para paróquias abandonadas e a criação de um reduzido número de missões. O valor da sua obra reside no espírito reformador que a anima, no sopro de espiritualidade que varreu Moçambique da costa aos matos. O sobrenatural pairou por onde o materialismo e o desleixo campeavam. Um clero morigerado dignificou o sacerdócio, impondo-o à admiração de crentes e descrentes: o bispo era o espelho em que se remiravam, deixando-se impregnar da imagem das suas virtudes comunicativas. O pequeno rebanho soube tornar-se merecedor de um tal pastor»<sup>38</sup>.

Outro dos seus historiadores, Amadeu Cunha, escreve:

«Não é exagero ter por verdadeira primavera missionária, pelo que criou e fez nascer, a sua passagem pela prelazia de Moçambique»<sup>39</sup>.

31. Cândido Teixeira, missionário e historiador do Colégio de Cernache do Bonjardim, transcreve do jornal «Aliança» de 2 de Agosto de 1899 sobre D. António Barroso:

«Talvez não haja nenhum bispo no mundo que, numa tão curta vida, tenha uma folha de serviços igual. Na sua apostólica carreira encontram-se a coragem intemerata dos nossos guerreiros, o temperamento aventureiro dos nossos navegantes e a seráfica doçura dos nossos missionários»<sup>40</sup>.

32. E concluímos com o juízo do P. António Brásio, autor da melhor obra sobre D. António Barroso:

«O surto dado por D. António Barroso à Igreja de Moçambique só encontra paralelo nos tempos actuais. E a sua obra foi tão sólida, tão clarividente, de horizontes tão largos na acção e na doutrina, que não houve senão continuá-la, construir sobre os alicerces lançados e a estratégia concebida pelo Bispo de Himéria»<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> GUERREIRO, Alcântara — *Quadros da História de Moçambique*. Vol. 1. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1954, p. 454-455.

<sup>39</sup> CUNHA — *Jornadas*, p. 162.

<sup>40</sup> TEIXEIRA, Cândido da Silva — *O Colégio das Missões em Cernache do Bonjardim: Traços monográficos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905, p. 105.

<sup>41</sup> BRÁSIO — *D. António Barroso*, p. XXIX.

### Conclusão

33. A pessoa e a obra de D. António Barroso nos anos em que foi prelado de Moçambique, de 1892 a 1897, desde os seus 37 anos de idade até aos 42, por tudo o que fica dito, brilham como a pessoa e a obra dum santo. Foi um missionário de inquebrantável fé em Deus e na Igreja e de doação total aos desígnios de Deus para a salvação de todos em obediência perfeita à Igreja e à sua missão. Desfez-se em caridade para com os africanos necessitados de fé, de desenvolvimento, de saúde e de instrução. Falando dos africanos usa a linguagem corrente do seu tempo e que hoje, um século depois, parece um pouco estranha. Contudo, tinha para com o povo africano grande amor e respeito. Matava-se pela sua instrução e promoção. Foi firme, compreensivo e caritativo. Colaborou com entusiasmo com os poderes públicos da sua pátria mas sempre dentro das orientações da Igreja.

No assunto complexo da formação do clero local o seu tempo na prelazia foi muito curto e não lhe permitiu criar condições para um plano realista e eficiente.

Todas as fontes escritas abonam a sua integridade moral de homem profundamente espiritual e nada referem de negativo.

Nos meios eclesiais de Portugal são conhecidas a personalidade e obra de D. António Barroso como prelado de Moçambique por estas fontes escritas. Surgiu espontaneamente um movimento em favor da sua canonização. Iniciou-se o processo. Revendo agora novamente as fontes que falam da sua vida e obra creio que D. António Barroso deveria ser declarado pela Igreja modelo de missionários pela beatificação e canonização.

MANUEL CASTRO AFONSO

### Bibliografia

- Annaes das Missões Portuguesas. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891. 3. 155 p.
- BRÁSIO, António — *D. António Barroso, missionário, cientista, missiólogo*. Lisboa: CEHU, 1961. 687 p.

- CUNHA, Amadeu — *Jornadas e outros trabalhos do missionário Barroso*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1938. 218 p.
- FARINHA, António Lourenço, sac. — *A expansão da fé na África e no Brasil: Subsídios para a história colonial*. Vol. 1. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1942. 555 p.
- GARCIA, António, S.J — *História de Moçambique Cristão*. 2ª ed. Braga: Livraria Cruz, 1972. 487 p.
- GUERREIRO, Alcântara — *Quadros de história de Moçambique*. 2. vols. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1954. 512 p.
- MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS — *Moçambique: Relatório apresentado ao Governo por António Enes*. 3ª ed. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1956. 625 p. A 1ª ed. é de 1893. Reimp. autorizada em 1913, Sociedade de Geografia de Lisboa, 516 p.
- MISSÕES RELIGIOSAS DOS PADRES SECULARES PORTUGUESES — *Portugal Missionário*. Couto de Cucujães: Colégio das Missões, 1929. 395 p.
- PADROADO DE PORTUGAL EM ÁFRICA — *Relatório da Prelazia de Moçambique pelo Reverendo Bispo de Himéria*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895. 174 p.
- PINTO, António Ferreira — *D. António Barroso*. Porto: Porto Médico, 1931. 200 p.
- REGO, A. da Silva — *Lições de missionologia*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1961. 564 p.
- ; SANTOS, Eduardo dos — *Atlas Missionário Português*. Lisboa: CEHU, 1964. 195 p.
- SILVA, Francisco Ferreira da, bispo — *A Obra Missionária na Província de Moçambique*. Porto: Oficina de S. José, 1911. 457 p.
- TEIXEIRA, Cândido da Silva — *O Colégio das Missões em Cernache do Bonjardim: Traços Monográficos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905. 180 p.